

SANGUE - DA COSTA E SILVA

PROF. JORGE ALBERTO

1. RESUMO BIOGRÁFICO

Antônio Francisco da Costa e Silva nasceu em 23 de novembro de 1885, na cidade de Amarante-PI, na Rua das Flores. O menino mostrava-se interessado em arte: literatura, pintura e escultura. Fazia imagens que vendia e com a renda podia rodar nos cavaleiros de madeira do carrossel do parque mais vezes que os outros meninos. Foi uma infância feliz ao lado de oito irmãos, vivendo entre a casa de Amarante e a fazenda do pai, na zona rural. Ainda em sua cidade natal, começa a produzir as primeiras composições poéticas na Revista do Grêmio Literário Amarantino.

Por volta de 1900, “Lôla” – como o chamavam pais e irmãos – concluiu, em Teresina, os preparativos no Liceu Piauiense.

Transfere-se para Recife para cursar Direito, em 1906, onde durante bom tempo conviveria com uma geração marcante. Além de brilhante aluno, um grande leitor de autores de línguas francesa e inglesa.

Em 1910 interrompe o curso de Direito e segue para Belo Horizonte para assumir o cargo de quarto escrivão da Delegacia do Tesouro Nacional. Passa a ocupar cargos de fiscal e delegado, em vários estados ao longo de sua vida: Minas Gerais, São Paulo, Maranhão, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Ceará, Amazonas, Acre. Onde chegava colaborava na imprensa como poeta e jornalista. No Rio de Janeiro colaborou no Correio da Manhã. Os seus primeiros poemas modernistas foram publicados no Norte - Amazonas e Acre.

O poeta casou-se duas vezes: com Alice Salles Salomon, em 1914, com quem teve três filhos (Márcio, Mário e Benedicto), falece em consequência de complicações pós-parto, em 1919. Em 1928 casa-se com Creusa Fontenele, com quem teve três outros filhos (Alice, Alberto - diplomata, poeta, crítico, ex-presidente da Academia Brasileira de Letras, e Elisabete).

O nosso poeta-maior veio a falecer no Rio de Janeiro, em 29 de junho de 1950, depois de viver um longo período mergulhado em profundo silêncio e afastado da produção literária.

2. ESTILO DE ÉPOCA

O Parnasianismo e o Simbolismo nasceram juntos na França, com a publicação da revista *Parnasse Contemporain*. Embora acentue sob alguns aspectos o requinte da arte pela arte, o Simbolismo se opõe tanto ao Realismo quanto ao Parnasianismo, situando-se muito próximo das orientações românticas, de que é em parte uma revivescência.

A produção simbolista é quase que exclusivamente poética e propõe uma arte de caráter mais sugestivo, influenciada pelas novas teorias psicanalíticas freudianas. Os simbolistas procuram resgatar a relação do homem com o sagrado, com a liturgia e com os símbolos. Buscam *o sentimento de totalidade*, que se daria na *integração da poesia com a vida cósmica*, como se a poesia fosse uma religião.

O Simbolismo buscou uma linguagem *vaga, fluida, imprecisa*, que fosse capaz de sugerir a realidade, e não de retratá-la. Para isso, faz uso de *símbolos, imagens, metáforas, comparações*, além de recursos *sonoros e cromáticos*, como *aliterações, assonâncias, paronomásias, sinestésias*, tudo com a finalidade de exprimir o *mundo interior, intuitivo, antilógico e anti-racional*.

A realidade objetiva não interessa mais; o homem volta-se para uma **realidade subjetiva**, retomando um aspecto abandonado desde o Romantismo. O “eu” passa a ser o universo, mas não o “eu” superficial, sentimentalídeo e piegas do Romantismo: os simbolistas vão em busca da essência do ser humano e do que ele tem de mais profundo e universal – **a alma**. Daí a **sublimação**, tão procurada pelos simbolistas: o domínio do espírito sobre a matéria, a purificação, por meio da qual o espírito atinge as regiões etéreas, o espaço infinito. Manifestam, ainda, desejo de transcendência, de integração cósmica; interessam-se pelo noturno, pelo mistério, pela metafísica e, sobretudo, pelas manifestações espiritualistas. Da Costa e Silva estava em dia com o que se passava no mundo da poesia, principalmente, a poesia Simbolista francesa de Baudelaire, Rimbaud, Mallarmé e Verlaine que críticos e

estudiosos chamam de *grande simbolismo*. Segundo José Guilherme Merquior: “Da Costa e Silva é um dos maiores mestres da nossa poesia que se refere a deixar o verso em suspenso, continuando-lhe o sentido e a sintaxe nos versos seguintes, tirando daí alguns dos seus maiores efeitos poéticos”. A técnica é culta e refinada com o decassílabo, o alexandrino e o verso livre. Em todos esses casos, ele se revela um virtuoso do verso.

Sua poesia é dotada de uma intensa plasticidade (descritivismo parnasiano), em decorrência da utilização das metáforas. Musicalidade e plasticidade estão em perfeita harmonia em sua poética. As duas vertentes se cruzam: de um lado, a parnasiana; de outro lado, a simbolista. É na vertente simbolista que Da Costa e Silva se insere de modo consagrado.

3. OBRA:

- **SANGUE** (1908)
- Zodíaco (1917)
- Pandora (1919)
- Verônica (1927)
- Alhambra (1925-1933)
- Poesias Completas (2000)

4. SANGUE

É a obra de estréia e foi publicada em 1908, em Recife, ainda estudante do curso de Direito. O autor contava vinte e três anos e muita consciência estética. É notável a sua invulgar expressividade formal, e, sobretudo, dotado de conhecimento profundo do idioma em alguém de tão tenra idade. A formação literária é a do final do século XIX e início do século XX cujas marcas parnasianas ainda são fortes, mas o Simbolismo é predominante.

Vários poemas de **Sangue** foram compostos ainda quando Da Costa e Silva, menino e moço, residia em Amarante. Ainda lá tem contato com a poesia simbolista de Baudelaire, Verlaine, Verhaeren, Cruz e Sousa, Cesário Verde, Camilo Pessanha, Antônio Nobre. Já em Teresina continua lendo, discutindo e produzindo poesia. Para finalmente concluir o livro em Recife. Sua estréia é marcadamente simbolista.

Obra estruturada em 48 poemas, sem dedicatória. A abertura é feita com 10 quartetos de “Cântico do sangue” e o fechamento com o soneto “Depois da luta”. A primeira palavra do livro é *sangue* e a última, repetida três vezes, também é *sangue*. O centro do livro é o 24º poema “Saudade”. A simbologia do três é notada em três poemas que compõem as Virtudes Teológicas: “Fé”, “Esperança” e “Caridade”. São manifestações de força espiritual apoiada na religiosidade do poeta, ainda tendo como reflexo a cena da mãe rezando.

Sangue é um livro acentuadamente subjetivista de temas variados que vão das origens amarantinas ao sombrio e devaneio da alma; a imagem da mulher e a representação do desejo - a mulher estátua/esfinge, a sublimação do amor, a morte, o rio Parnaíba, Amarante, a mãe. É um livro luminoso; rico de intuições muito finas que revelam a força do sonho e a transfiguração da existência. É uma obra de admirável capacidade poética e de sensibilidade de artista cuidadoso.

Parte da poesia de **Sangue** oscila entre o entusiasmo e a melancolia, o silêncio e a exuberância, a solidão e o sonho, a desgraça e a contemplação. O poeta carrega em seus versos “a exaltação luminosa, um inebriamento, uma virtuosidade harmoniosa e forte, um belo ímpeto arrebatado”.

O crítico Fausto Cunha assim se expressou com exatidão: “O poeta de Sangue nos deu uma obra forte e vivida, em que se conciliaram as exigências de uma aristocracia estética e as impregnações de uma sensibilidade profundamente popular. Soube renovar-se sem cessar”.

5. ANTOLOGIA

CÂNTICO DO SANGUE

Sangue! essência vital do sentimento,
Que, rubra, móvel, plástica, incendiada,
Sobe do coração ao pensamento,

Circulando nos vórtices da Vida.

Vida das vidas, alma da matéria,
Que da emoção as ondas encadeia,
Fluindo dos ventrículos á artéria,
Refluindo da artéria para a veia.

Essência misteriosa e procriadora,
Vida digusa a errar em frágeis veios,
Que as idéias inflama e os olhos doura:
~ Orvalho níveo dos maternos seios.

Mar Vermelho sutil de ondas estuosas,
Ao meu cajado de Moisés tristonho,
~ Florindo em cravos, amarantos, rosas
~ Lodões, corais dos litorais do Sonho.

Rubro Estige espumoso da Luxúria,
Golfão dos meus desejos rebelados,
Onde a minh'alma de Hércules, em fúria,
Pasce a Hidra de Lerna dos Pecados.

Força despertadora dos sentidos,
Que acorda, inflando, em frêmitos velozes,
Pela teia vibrátil dos tecidos,
Ânsias, desejos, sensações, nevroses...

Térmica poeira, liquefeita, insana,
~ Do turbilhão dos glóbulos vermelhos:
~ Os grãos de areia da vaidade humana
Refletida em recíprocos espelhos...

Tépido arroio vivo e purpurino,
Que aos vasos corporais a sede estanca,
Em arabesco túrgido e turquino,
De transparência azul, na pele branca.

Fonte de inspiração, Castália ardente
Dos ideais simbólicos em bando,
Em dilúvios de cor fosforescente,
Numa preamar lunática flutuando...

Sangue! fluido genésico e fecundo
~ Do sentimento que anda em mim disperso
~ Rocío com que alento e com que inundo
As sementeiras rubras do meu verso.

RIO DAS GARÇAS

No verde catedral da floresta, num coro
Triste de cantochão, pelas naves da mata.
Desce o rio a chorar o seu perpétuo choro...
E o amplo e fluido lençol das lágrimas desata...

Caudaloso a rolar, desde o seu nascedouro,
Num rumor de orações no silêncio da oblata,
Ao sol – lembra um rocal todo irisado de ouro,
Ao luar – rendas de luz com vidrilhos de prata.

Alvas garças a piar, arrepiadas de frio,
 Seguem de absorto olhar a vítrea correnteza,
 Pendem ramos em flor sobre o espelho do rio...

É o Parnaíba, assim carpindo as suas mágoas,
 Rio da minha terra, ungido de tristeza,
 Refletindo o meu ser à flor móvel das águas.

SAUDADE

Saudade! Olhar de minha mãe rezando,
 E o pranto lento deslizando em fio...
 Saudade! Amor da minha terra... o rio
 Cantigas de águas claras soluçando.

Noites de junho... o caburé com frio,
 Ao luar, sobre o arvoredado, piando, piando...
 E, ao vento, as folhas lívidas cantando
 A saudade imortal de um sol de estio.

Saudade! Asa de dor do Pensamento!
 Gemidos vãos de canaviais ao vento...
 As mortalhas de névoa sobre a serra...

Saudade! O Parnaíba – velho monge
 As barbas brancas alongando...E, ao longe,
 O mugido dos bois da minha terra...

LADY MACBETH

Não na posso entender, senhora, amante ou serva:
 Amo-a; e não sei dizer se ama, desdenha ou finge.
 Embora! Meu amor todo a ela se reserva,
 Porque meu nobre ideal só a ela se restringe.

Conto-lhe a minha dor, mas a voz não atinge
 Seu coração pueril; e imóvel se conserva,
 Na impassível mudez dolorosa de esfinge,
 Nessa atitude real de estátua de Minerva.

Fixo nos olhos seus os meus olhos de lince,
 E um vago e estranho encanto o alvor das formas lhe unge
 De uma graça imortal, que não há quem destrince...

Lembra Nossa Senhora aureolada num nicho;
 E fulge em seu olhar, de um brilho que compunge,
 Toda a revelação de um bizarro capricho...

IGNOTA DEA

Anjo, esfinge ou mulher, visão que almejo,
 Por quem vivo de amor e a quem receio,
 Vida da minha vida, que eu não vejo,
 És a deusa a quem amo e a quem odeio ...

Alheio ao gozo e à desventura alheio,
 Não te vejo e te evito a todo ensejo,
 E tanto mais de ti me sinto cheio,
 Mais te busco olvidar e te desejo ...

Sonho de louco e signo de delírio,
É-me o teu ser, satânico e celeste,
Origem de alegria e martírio ...

Debalde ascolto o coração e exclamo:
-Quem és tu? Quem és tu? De onde vieste?
E não conheço enfim essa a quem amo ...